

Unidos na fronteira: semelhanças entre o português nortenho e o galego

Victor Hugo da Silva Vasconcellos¹

SÁNCHEZ REI, Xosé Manuel. **O Português esquecido**. O galego e os dialectos portugueses setentrionais. 2. ed. Santiago de Compostela: Laiovento, 2022, 619 páginas.

O Português Esquecido foi publicado em 2021, tendo, em poucos meses, a publicação da sua segunda edição, pois, além do seu carácter académico, também se apresenta como um livro de alcance mais amplo. Esse trabalho de Xosé Manuel Sánchez Rei é uma investigação densa e rigorosa a partir dos documentos e dos dados de vários estudos anteriores, principalmente do século XIX e do início do século XX, com destaque para os do dialetólogo José Leite de Vasconcellos. Destarte, há a reunião de registros que permitem revelar o *continuum* linguístico e cultural nos dois lados do rio Minho. Logo, o título do livro referencia não apenas o esquecimento das variantes populares do português do norte (regiões como Trás-Os-Montes e Minho) na definição da norma padrão da língua como também o esquecimento do galego como parte do sistema linguístico do português. O livro está dividido em cinco grandes capítulos e uma concisa conclusão, que resume os pontos abordados.

É uma obra que apresenta grande amostra da língua portuguesa do norte de Portugal e suas aproximações com o galego. É um texto essencial para reflexão ampla do que foi (e é) a unidade linguística entre o galego e o português nortenho. O autor é certo em demonstrar diferentes aspectos da língua nas análises e nos materiais coletados, com vistas a comprovar que o modelo padrão do português meridional é muito diferente do que se falava (e do que se fala) no berço da língua galega e portuguesa. É uma obra indispensável como material de consulta e para os primeiros estudos comparativos entre variedades da língua portuguesa, que

¹ Doutorando pelo Programa de Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade da Coruña, Galiza, Espanha. E-mail: victorvasconcellos@uol.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0893-8955>

consta com vasta referência bibliográfica para aprofundamento de cada período abordado. É também obra relevante para os conhecedores do assunto, a fim de ter numa produção, comparativos tanto lexicais como sintáticos do “português esquecido” no intervalo entre o século XIX e o XX. A seguir, serão apresentadas linhas gerais de cada capítulo temático e exemplos ilustrativos.

No capítulo 1, intitulado *Fronteiras Políticas Linguísticas, Socioculturais e Dialectoloxía*, há a retomada histórica da Galiza e de Portugal com a finalidade de situar o leitor no processo político e linguístico do galego. O Reino de Portugal foi gestado no século XII, no interior do Reino da Galiza. O novo reino passou a ocupar o que era o sul do reino galego, com o rio Minho como uma fronteira natural, mas porosa no que tange à população e à língua. Enquanto Portugal pôde desenvolver-se com liberdade política e linguística, o reino galego foi anexado aos domínios castelhanos. A língua falada nos dois reinos era o galego. A questão política começou a interferir nas questões linguísticas quando o reino português quis se diferenciar da sua origem e do reino do norte. No século XIV, Portugal nomeou a sua língua como portuguesa, e, no século XVI, publicou a sua primeira gramática, buscando apagar o passado histórico e também diminuir o contato linguístico com a Galiza. Para Venâncio (2021, p. 237):

O apagamento das realidades norteñas, e sobre todo de Além-Miño, veu fornecer espazo a novas referencias, e a máis importante delas foi a ideoloxía *lusitanista*. Portugal descóbrese continuador da Lusitania, e *lusitano* tórnase a palabra de moda no século XVI: “Reino Lusitano”, “xente lusitana”, “terra lusitana”. Esta reorientación cultural non é inocente. O lusitanismo constitúe a ideoloxía de recambio para cubrir o oco deixado polo apagamento do galego.

Intitulado *Os Estudos de Dialectoloxía Galego-Portuguesa Desde o Século XVI até aos Inicios do Século XX*, o capítulo 2 apresenta pesquisas sobre as variantes linguísticas de Portugal elaboradas no período em questão. O galego não foi contemplado com materiais de análise porque sofria a pressão de Castela e não teve obras de referência na sua língua própria. Para esses estudos, as discussões são de gramáticos portugueses do século XV e XVI, que citavam a Galiza ou referenciavam o norte de Portugal como uma região de falar galego.

Um dos primeiros livros impressos em Portugal, o *Tratado de Confissom*, de 1489,

apresentava termos praticamente indistinguíveis do galego [*coidan, moitos, som* (verbo ser), *tamém, boo* (bom), *polo / pola, ãa* (uma), *algũa, coração, paixom, oraçom, entom, ataa* (até) *etc*]. Esses registros relacionados ao galego, ao português do norte e/ou ao português antigo começaram a ser atacados por Portugal (centro-sul do país) já no século XVI, ataques esses que continuam até hoje.

No século XV, iniciou-se na Europa a escritura de gramáticas e de dicionários na busca de um padrão culto e literário para as línguas nacionais. Quanto aos estudos portugueses, no século XVI, foram publicados gramáticas e manuais dentre os quais, em 1536, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, a primeira gramática dessa língua, da autoria de Fernão de Oliveira. Nos séculos XVII e XVIII, autores continuaram a analisar a situação dialetal de Portugal, comparando variantes do país e mencionando a fala nortenha como similar à da Galiza.

As discussões giraram em torno de alguns pontos específicos, como: a) a troca da fricativa labiodental /v/ pela oclusiva bilabial /b/ - (**V**inho para **B**inho); entretanto, há também o movimento contrário, em que o **B** passa a ser articulado como **V**, como em **B**ondade, que passa a ser **V**ondade; b) a diferença na pronúncia entre o sul e as regiões de contato do CH – africada alveolopalatal surda /tʃ/ no norte, que é articulada como fricativa alveolopalatal surda /ʃ/ no sul; c) as terminações **AM**, **ÃO** e **OM**; e d) o **R** vibrante.

Nas obras do século XIX, começou a ficar evidente na Europa a contribuição dos estudos históricos e comparativos de línguas. Um grande destaque desse período é José Leite de Vasconcellos ainda que os seus métodos possam ser questionados, o autor apresentou materiais preciosos sobre o estado dialetal do português em finais do século XIX e na primeira metade do XX, com dados linguísticos desses falares geralmente referidos a concelhos, a vilas e a aldeias.

[...] a mostra de vocabulário colixido por Leite de Vasconcellos corresponde a léxico que é ou foi de uso corrente no português setentrional ou, cando menos, foi empregado en certas localidades minhotas e transmontanais. A documentación de todas estas formas [...] é relativamente fácil de detectar hoxe en día no galego oral [...] tamén non é difícil achármola en textos literarios contemporáneos (Sánchez Rei, 2022, p. 492).

Na Galiza, apenas no século XIX, surgiram as primeiras gramáticas sobre a língua galega (escritas em castelhano), contudo, a língua galega só se tornou politicamente oficial na região no fim do século XX (1982). As publicações do século XIX buscavam elevar o status do galego a língua independente do castelhano, não um dialeto falado nas províncias galegas e que poderia ter variedades não inteligíveis entre si. O ressurgimento galego no século XIX levantou a bandeira da defesa da língua. A norma padrão em geral segue uma variedade com mais força política, ou dialeto de maior prestígio, no entanto, na Galiza, em 1982, não houve privilégio a nenhuma variedade, e seu estandar foi construído de forma polidialetoal.

O Capítulo 3, intitulado *Cuestións Fonéticas e Fonolóxicas*, discute elementos da pronúncia portuguesa na zona setentrional e da galega que se distanciam do padrão lisboeta. Desse modo, a Galiza e Portugal mantêm as sete vogais orais. Como característica nortenha, ocorre o desaparecimento da semivogal /w/ em **QUA** – *cando, catro, casi etc.* No galego, aparecem da seguinte forma: *corenta* (quarenta); e *coresma* (quaresma). Outro traço comum no português setentrional e na Galiza é a perda da nasalidade, como nos exemplos: *home* (homem); *mai* (mãe); *orde* (ordem); *selvaxe* (selvagem); *onte* (ontem); e *bo* (bom). E também há a troca do timbre fechado pelo aberto faz-se presente em palavras como: *pónte* (ponte); *mónte* (monte); e *fónte* (fonte).

Na modalidade padrão do português, há os pares: fricativo alveolar sonoro /z/ e o fricativo alveolar surdo /s/; o fricativo alveolopalatal sonoro /ʒ/ e o fricativo alveolopalatal surdo /ʃ/. O galego contemporâneo não tem as sonoras, o que estabelece uma das principais diferenças entre o português e o galego atuais.

A pronúncia forte da letra **R** tornou-se uma marca distintiva entre o falar mais erudito (culto) e o popular. Em Lisboa, referência para o padrão da língua, a pronúncia passou a ser a fricativa alveolar surda /X/, enquanto nos falares nortenhos e na Galiza permaneceu como vibrante alveolar sonora /r/.

Intitulado *Cuestións Morfosintácticas*, o capítulo 4 explora as variações morfosintáticas, principalmente questões de sintaxe. Nas flexões verbais, nas zonas setentrionais de Portugal e na Galiza, surge a partícula **CHE** para o pretérito perfeito na segunda pessoa do singular: “*graças a Deus que escapache dessa feita*”.

As variações linguísticas das flexões verbais no norte português e na Galiza, constituíram as normas atuais das duas línguas, como no exemplo do verbo CANTAR: *cantais*;

cantás; cantades; cantai; cantandes; cantande; cantade. No português padrão, a 2ª pessoa do plural no presente do indicativo é *cantais* e, no galego, *cantades*. Já do verbo IR, na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, foram coletadas as formas *imos* e *vamos*, esta incorporada ao estândar português e aquela, ao padrão galego.

O capítulo 5, intitulado *Cuestións Semántico-Lexicais*, apresenta diferenças lexicais entre o padrão do português e os falares do norte. Neste capítulo, Sánchez Rei constata a proximidade do português nortenho com o galego e mostra uma rica seleção de materiais de análise a fim de estabelecer mudanças no léxico, seja por influência do castelhano (no galego e no português) ou por opção do sul de Portugal para tornar sua língua diferente das variedades nortenhas e galegas. Ilustram essas variações linguísticas os registros: *escuitar, escutiar, escutar, fruita, fruta, fruto, luito, luto*. O galego estândar preferiu *escoitar, froita, froito* e *loito*, já o português padrão, adotou estas formas: *escutar, fruta, fruto e luto*.

Outros vocábulos nortenhos interessantes a respeito da questão morfológica foram: *pataca* usado no norte de Portugal e a atual forma estândar do galego, que foi alterada para *batata* no padrão português; *páxaro*, que permanece no estândar galego, mas foi substituído por *pássaro* no padrão de Portugal; *pechar* que compõe o estândar galego e aparece como *fechar* no português padrão; *pessêgo*, que por sua vez, apresentou variantes como *pêssego, pêxego, prexêgo e prêxigo*, passou ao galego estândar como *pexego*, enquanto *pêssego* é o padrão português; em galego, *pôla* do latim PULLO, com o significado atual de galinha nova, gerou *polo* em galego (frango em português), mesmo que também existisse a forma latina como GALLINA da qual provém *galinha* no padrão português e *galiña* no galego estândar; *quentar* e *aquentar* ficaram como *quentar* no galego estândar e *esquentar* no português padrão; no galego convivem *rapaza* e *rapariga*, no feminino, e *rapaz* e *raparigo*, no masculino, enquanto no português padrão apenas são aceitos *rapariga* e *rapaz*.

Nas conclusões do livro, são retomadas sinteticamente as etapas percorridas, reforçando a proximidade estrutural das variedades galega e portuguesa nortenha, que não se restringe aos séculos XIX e XX, pois muitos dos traços e variações analisados no livro ainda perduram nas variedades faladas na Galiza e no norte de Portugal, apesar de contarem com normas diferentes.

Sánchez Rei oferece um texto sólido que leva o leitor a refletir sobre a língua portuguesa no eixo dialetal (fora da norma padrão) e a sua intrínseca relação com a Galiza. Para o leitor especializado, funcionará como uma obra obrigatória, já que traz amostras linguísticas

selecionadas com muito rigor e um vasto banco de dados relevantes sobre a evolução do galego e do português. Para o grande público, será um texto que conta a história da Galiza e o seu patrimônio imaterial que é a língua também falada no Brasil, com muitos exemplos e amostras de textos e vocabulário, o que torna sua leitura interessante e envolvente.

REFERÊNCIA:

VENÂNCIO, Fernando. **Así naceu unha lingua**. Sobre as orixes do portugués. Tradução de Elías González López. Vigo: Galáxia, 2021.